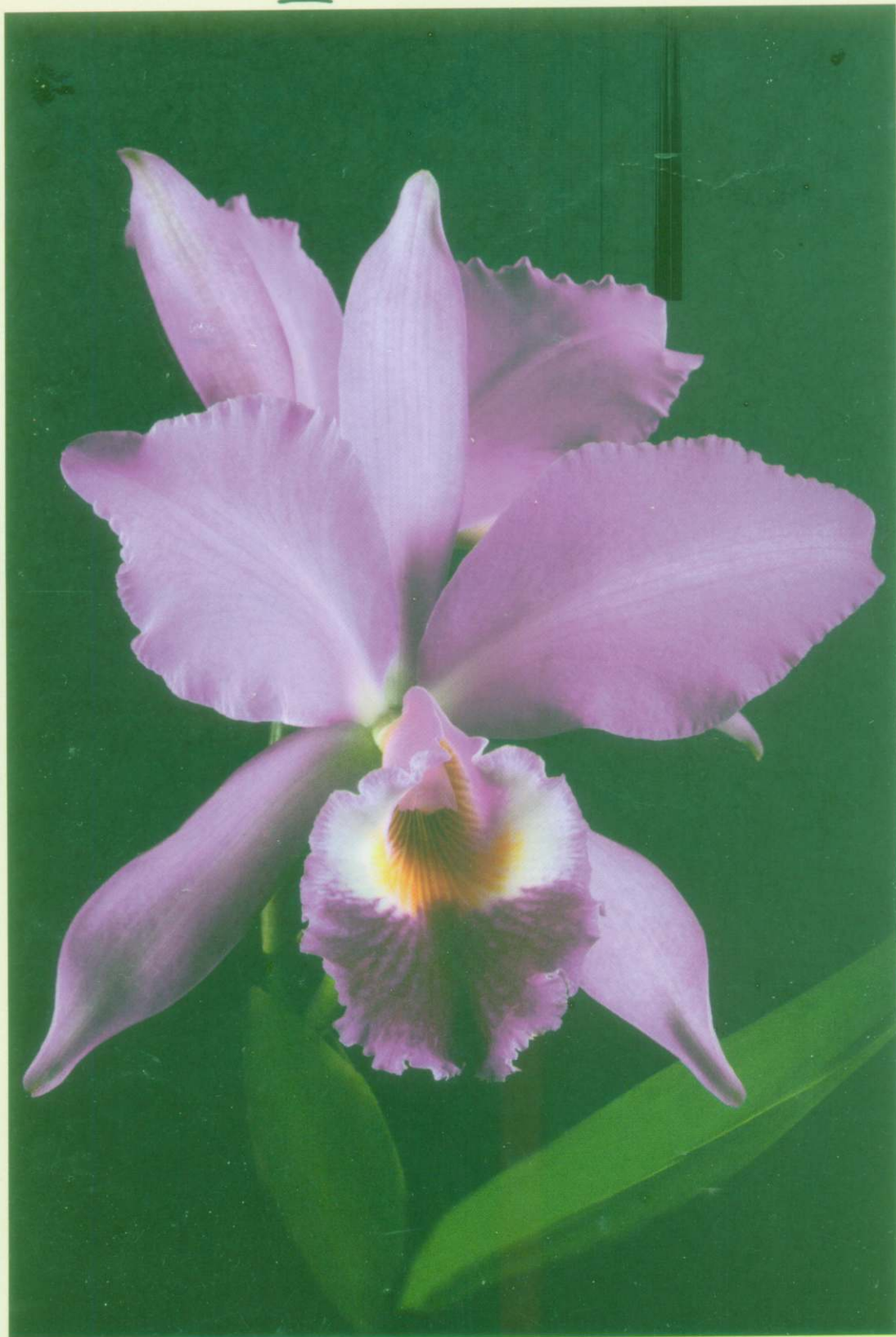


Orquidário



Volume 26, nº 1
Janeiro a Março 2012

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Revista Orquidário

ISSN - 0103-6750



Publicação da OrquidaRio - Orquidófilos Associados

Comissão Editorial

Editora:

Maria do Rosário de Almeida Braga

Conselho Editorial:

Maria Aparecida Loures

Carlos A.A. Gouveia

Carlos Eduardo M. de Carvalho

A Revista "Orquidário" é uma publicação trimestral da OrquidaRio Orquidófilos Associados. Artigos relacionados a qualquer aspecto da Orquidofilia são bem-vindos e deverão ser submetidos à Comissão Editorial para apreciação.

Todas as contribuições devem ser remetidas à OrquidaRio, digitalizadas em arquivos compatíveis com o sistema Windows. Os arquivos podem ser enviados pela internet ou por correio, gravados em CDS ou DVDs. As instruções para publicações estão disponíveis no site www.orquidario.org, sob o item "Revista". Pedimos que as normas de publicações sejam seguidas por todos, tanto em relação ao texto, quanto figuras e outros anexos.

Os artigos submetidos à "Orquidário" serão revisados pela Comissão Editorial, que poderá ou não aceitá-los. No caso de aceitação, a comissão poderá fazer sugestões, devolvendo os artigos aos autores, para que sejam feitas as modificações necessárias. Os artigos aceitos aguardarão oportunidades de publicação.

Quaisquer matérias, fotos ou outras ilustrações sem indicação de reserva de direito autoral, podem ser reproduzidas para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

O título "Orquidário" é de propriedade da OrquidaRio Orquidófilos Associados, conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional

Correspondência:

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Rua Visconde de Inhaúma 134/428

20.091-007, Rio de Janeiro, RJ

Telfax.: (21) 2233-2314

Email: orquidario@orquidario.org

Site: www.orquidario.org

Diretoria Executiva

Presidente

Sergio Inacio C. Velho

Diretores

Técnico - Luciano Henrique da Motta Ramalho

Administrativo e Financeiro - Eliomar da Silva Santos

Rel. Comunitárias - Lenita Villares Vianna

Comissão de Conservação

Maria do Rosário de Almeida Braga

Marcus Rezende

Paulo Pancotto

Comissão de Divulgação

Maria Aparecida Loures

Edson Alves Cherem

Conselho Deliberativo

Presidente

Sylvio Rodrigues Pereira

Vogais:

Alexandre Cruz de Mesquita

Carlos Manuel de Carvalho

Fernando Setembrino

Lucia de Mello Provenzano

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessoa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96 e 2001-02

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Marlene Paiva Valim - 2003-05

M. do Rosário de A. Braga - 2006-09

Ricardo de Figueiredo Filho - 2010-11

CONTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1ano/1year	2anos/2years	3anos/3years
Sócios Contribuintes	R\$ 120,00	R\$ 216,00	R\$ 324,00
Sócios Correspondentes	R\$ 62,00	R\$ 112,00	R\$ 168,00
Sócio Pessoa Jurídica	R\$ 160,00	R\$ 288,00	R\$ 432,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 92,00	US\$ 116,00	US\$ 248,00
By Air Mail: plus US\$ 20,00/year			

Publicada em: 25/04/2012

ÍNDICE

Orquidário Volume 26, nº 1

Editorial _____ 4

Cattleya labiata Lindley: algumas considerações sobre germinação e
ocorrência na natureza,
de R.A.D. Figueiredo _____ 5

Jóias de Diamantina,
de M.R.A. Braga _____ 12

Os Julgamentos da OrquidaRio,
de F. Setembrino e C.A.A. Gouveia _____ 21

Novo sinônimo para o gênero *Acianthera* e novas combinações
em *Pabstiella* (Pleurothallidinae: Orchidaceae),
de F. de Barros e C.F. Hall _____ 27



Capa: *Cattleya labiata* Lindl. 'Orlando'. Espécie nativa dos estados de PE, PB e AL, onde cresce em altitudes entre 300 e 700m, na Mata Atlântica. Esta planta é cultivo da Florália Orquidários Unidos, em Niterói, RJ.

Fotógrafo: Sergio Araujo.

Editorial

Estamos conscientes de que a revista Orquidário ocupa um nicho único e importante na Orquidofilia brasileira e, para iniciar o volume 26, trazemos aos nossos leitores quatro contribuições sobre assuntos bem diversos.

A *Cattleya labiata* Lindl, também conhecida como a “Rainha do Nordeste”, já foi motivo de vários bons artigos publicados na nossa revista. E há sempre novas coisas para se escrever e aprender sobre esta bela espécie. Desde boas novas sobre a maior viabilidade das sementes até o estado de conservação do habitat onde ela ainda ocorre naturalmente.

De Pernambuco, descemos em direção ao interior de Minas Gerais, até a região de Diamantina. Uma viagem de poucos dias revelou algumas das várias orquídeas preciosas que crescem naquela linda paisagem de rochas e flores. Também aqui a destruição dos habitats e a coleta seletiva de plantas cobigadas são ameaças reais e que tem que ser entendidas e encaradas por todos, para que sejam combatidas.

A beleza das flores de plantas cultivadas e expostas no Rio de Janeiro é analisada pelo time juízes da OrquidaRio, através de dois tipos de julgamentos. Se um dos processos é o de comparação entre o que está exposto, o outro, menos usado no país, exige um grande conhecimento sobre o padrão de beleza e qualidade que as plantas estão alcançando.

Uma contribuição acadêmica é também muito bem-vinda. O que tem sido uma constatação frequente entre nós é que a nomenclatura das orquídeas vem sofrendo grandes e inúmeras modificações. A subtribo Pleurothallidinae, que abrange muitas micro-orquídeas brasileiras, tem sido objeto de vários estudos no Brasil e no exterior e, com as novas informações genéticas disponíveis, a re-combinação de nomes antigos é indispensável na evolução da Botânica.

Muitos de vocês devem ter notado que a nossa primeira revista de 2012 está saindo no final de abril, já no início do segundo trimestre. É que a cada ano surgem novos desafios. Ao final de 2011 sabíamos que o Bradesco Seguros, patrocinador da Orquidário por seis anos, estava encerrando a parceria conosco. Portanto, desde janeiro, a nova diretoria da OrquidaRio se empenhou em conquistar um novo patrocinador. Estivemos bem perto de fecharmos um contrato porém, à última hora, a situação reverteu-se. Continuaremos à procura pois, para a nossa associação, é fundamental que a revista seja autossuficiente. As sugestões dos sócios serão bem recebidas. Envie a sua. Temos sempre o que aprender e mudar quando necessário.

Maria do Rosário de Almeida Braga.
Editora

***Cattleya labiata* Lindley: algumas considerações sobre germinação e ocorrência na natureza.**

Ricardo Augusto Dourado Figueiredo.
ricardoadf@uol.com.br

Resumo: A conservação da *Cattleya labiata* Lindley em suas formas *ex situ* e *in situ*, possui implicações de ordem técnico-científicas, culturais, econômicas, ambientais e institucionais que precisam ser levadas em consideração para execução da urgente tarefa de evitar-se a extinção desta espécie na natureza.

Palavras-chave: *Cattleya labiata*, germinação *in vitro*, Ceará.

Abstract: *Cattleya labiata* Lindley: some considerations about its germination and occurrence in nature. The conservation of *Cattleya labiata* Lindley in their forms *ex situ* and *in situ*, has technical-scientific, cultural, economic, environmental and institutional implications that need to be taken into consideration to achieve the urgent task of preventing the extinction of this species in nature.

Key words: *Cattleya labiata*, *in vitro* germination, Ceará.

Introdução:

Alguns resultados da experiência acumulada em pouco mais de dez anos; impulsionaram-me a querer compartilhá-los com os sócios da OrquidaRio. O que me motivou a escrever este artigo foi o fato de que discordo de uma parte da conclusão de um artigo publicado na Revista Brasileira de Tecnologia de Sementes (Alvarez-Pardo & Ferreira, 2006) sobre conservação de sementes de orquídeas: a parte referente à *Cattleya labiata* Lindley, orquídea endêmica do Nordeste brasileiro. Ressalto que a oposição à conclusão citada baseia-se no fato de ser projetada para toda a espécie, ao invés de limitar-se à amostra estudada. Essa objeção, todavia, não invalida nem desconsidera o valor científico da pesquisa em apreciação.

Irei aprofundar o artigo contextualizando-o em duas vertentes: a vertical, tratando da conservação embrionária vegetal e inoculação *in vitro* de sementes da *Cattleya labiata* Lindley, método eminentemente *ex situ* de conservação da espécie e outra horizontal sobre o status de sua conservação nas áreas onde ela incide no Ceará, tratando-se nesse momento da conservação *in situ*.

Conservação *ex situ*:

Antes, um breve histórico: o tema que escolhi para a dissertação da pós-graduação à distância em Plantas Ornamentais e Paisagismo, na Univ. Federal de Lavras foi: “Conservação embrionária da *Cattleya labiata* Lindley”. Tratando-se de um curso à distância, cujos experimentos envolveriam rigor e precisão dos dados e acompanhamento de orientador credenciado para aferição dos resultados, dirigi-me à EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e à UFC-Universidade Federal do Ceará para que pudessem auxiliar-



Fig. 1 - Sementes germinando com protocormos apresentando diferenciação celular aos 60 dias. (Foto:T.Menezes)



Fig. 2 - Plântulas após seis meses de germinação. (Foto:R.Figueiredo)



Fig. 3 - *Cattleya labiata* var. *albo-oculata* 'Lady Di'. (Foto:R.Figueiredo)

me neste ponto. Obtive ampla abertura da Dra. Ana Cristina Portugal Pinto de Carvalho, chefe do Laboratório de cultura de tecidos da EMBRAPA Agroindústria Tropical com sede em Fortaleza. Da mesma forma apoiou-me o professor João Luiz Pinheiro Bastos do Laboratório de Botânica da UFC.

Optei pela EMBRAPA devido à existência de uma melhor estrutura e pessoal para auxiliar nas tarefas acessórias, dada a sua natureza específica. Levei um lote de sementes para a Embrapa e mantive-as em refrigerador doméstico, a aproximadamente - 5°C, após haver realizado os procedimentos de dissecação – procedimento de retirada do excesso de umidade das sementes para possibilitar o seu armazenamento a frio - em minha própria residência. Repetimos, nos anos de 2003 e 2004, quatro testes de germinação a intervalos de seis meses de um para outro e não foi observada quebra significativa na germinação das sementes.

Apesar de manter uma coleção pequeníssima de apenas 16 plantas, sendo 14 plantas de *Cattleya labiata*, uma *Cattleya aelandiae* e uma *Cattleya intermedia* coerulea; possuo um banco de germoplasma de sementes de valor excepcional.

Realizando pesquisa bibliográfica, deparei-me com a publicação Alvarez-Pardo & Ferreira (2006). Chamou-me especial atenção a parte em que concluem que após 24 meses reduz-se a

praticamente zero a germinação de sementes da *Cattleya labiata* Lindley. Fiquei intrigado, pois alguma coisa estava divergindo do resultado que eu obtivera na EMBRAPA. Ao admitir como válido o resultado da pesquisa, considerei haver sido algo fora do padrão da espécie o resultado que obtivera ao tempo em que cursava a UFLA.

Resolvi, inicialmente, não testar a germinação com o lote testemunho que utilizara como teste na EMBRAPA, (que ainda hoje mantenho comigo), pois fora

armazenado há quase 10 anos - dezembro de 2001. Optei então por armazenamentos mais recentes, de 05 anos. Inoculei, no dia 18/09/2011, 10 vidros em meio de cultura com carvão ativado, sem reguladores, utilizando-me de sementes de três plantas diferentes de excepcional beleza e vigor. Após um mês, a germinação de todas as sementes mostrou-se significativa conforme registro fotográfico, donde se conclui que se trata de espécie que possui sementes com comportamento extremamente ortodoxo para armazenamento por longos períodos.



Fig. 4 - Início da elevação serrana ainda dominada pela caatinga..
(Foto: R.Figueiredo)



Fig. 5 - Região de transição entre a caatinga e a floresta tropical chuvosa de montanha. (Foto: R. Figueiredo)

Reafirmo que não pretendo travar nenhuma batalha com pesquisadores sérios de instituição idônea como a UFRG. A minha possível contribuição é sugerir que ao invés de projetar a conservação da semente da *Cattleya labiata* Lindley, como espécie, atente-se para a singularidade de uma experiência que pode ter tomado como foco apenas um lote de sementes de uma única planta. As variáveis biológicas que talvez contribuíram para o abreviamento do poder de germinação das sementes da amostra utilizada podem ter sido várias.

Dentre outras, poderíamos citar: fragilidade genética, ou nutricional da planta; autopolinização, o que pode gerar embriões débeis e maturação inadequada dos embriões.

Para comparar nossos resultados necessitaríamos obedecer a critérios semelhantes, como densidade e dispersão de sementes no meio de cultura, para uma correta aferição quantitativa comparada. Lembrando que, como não estava considerando como viável a germinação dos embriões após tanto tempo não cuidei de inoculá-los em placas de Petri, mas sim em frascos. Com isto, a visualização da percentagem de germinação foi dificultada.

Animado com o resultado dos embriões armazenados há cinco anos, testei os que

estavam há dez anos, com a inculação de dois vidros em 22/10/ 2011. O início da germinação, após 32 dias, mostra-se espetacular com a entumescência das sementes atingindo o seu ponto máximo e já adquirindo coloração esverdeada. Nestes vidros aumentei a densidade para obtermos melhor visualização da germinação *in vitro* de sementes (figs. 1-2).

Conservação *in situ*:

Dos muitos livros, artigos e outras publicações a que tive acesso, chamou de forma especial minha atenção à narração, num deles, das primeiras e épicas incursões de coletas da *Cattleya labiata* no Ceará. As despesas foram financiadas por comerciantes ingleses de plantas. Milhares delas feneceram nos navios durante as viagens à Europa, pelo total desconhecimento dos procedimentos e técnicas para mantê-las vivas.



Fig. 6 - Aspecto interno da mata onde ocorre a *C. labiata*. (Foto: R. Figueiredo)

então, o inóspito bioma do sertão nordestino vai perdendo força numa zona de transição, para sucumbir aos 500 metros em diante. Nessa altitude firma-se uma vegetação mais diversificada, vez que o clima torna-se bem mais ameno (fig.6). É portanto, nesse ambiente que começa a incidir majestosamente a *Cattleya labiata* (figs. 7-11).

O estado de conservação dos ecossistemas das serras onde há a ocorrência da *Cattleya labiata* apresenta aspectos bastante distintos. As serras mais próximas à região metropolitana

No Ceará, a *Cattleya labiata* (fig.3) ainda resiste agonizante; vegetando de forma natural em pequenos nichos de Floresta Tropical chuvosa de montanha (Menezes, 1987). Um tipo peculiar de Mata Atlântica, que somente ocorre a partir de altitudes de 500-600 m. Contornadas pela caatinga, estas elevações serranas são como que por ela sitiadas até uns 200-300 m de altitude (figs. 4-5). A partir de



Fig. 7 - *C. labiata* vegetando na borda da mata com alta incidência luminosa. (Foto: R. Figueiredo).



Fig. 8 - Touceira florida sobre rocha com folhas e flores com injurias.
(Foto: R. Figueiredo)

de Fortaleza sofrem menos pressão sobre o seu ecossistema do que as de regiões mais afastadas. As serras das áreas mais próximas de Fortaleza são parcamente habitadas em altitudes acima de 200 m. As populações concentram-se em seu sopé, ao nível do mar, por causa disso mesmo o seu ecossistema encontra-se mais preservado acima daquela altitude, pois sofre menos agressão do elemento humano. Rara é a opção de algum morador mais jovem de permanecer morando em altitudes elevadas após atingir a idade de capacidade laboral, pois busca emprego e renda em Fortaleza ou em seu entorno. Ressalte-se não possuir as zonas serranas de ocorrência da *Cattleya labiata* vocação turística, com quase nenhuma estrutura voltada para esta atividade. De outro modo, nas serras mais distantes da Capital, devido à escassez de ofertas de emprego e obtenção de outras fontes de rendas, sua população tenta sobreviver dos poucos recursos retirados da própria serra, sendo frequentes a ocorrência de povoados em altitudes diversas, cuja população exerce uma pressão enorme sobre o ecossistema, destruindo-o para o cultivo de lavouras de subsistência e, principalmente, da banana em larga escala (fig.12). Porém, surpreendentemente, naqueles ecossistemas em que têm ocorrido mais agressões e modificações no meio ambiente, a espécie ainda encontra-se com status de preservação um pouco menos crítico do que em outros em que a mata e o ambiente natural acham-se mais preservados. Isto porque, nos ambientes mais próximos de Fortaleza, a pressão de coleta é maior. Mesmo assim, sem aplicar os parâmetros oficiais, subjetivamente eu avalio que a espécie está criticamente ameaçada de extinção na natureza no Estado do Ceará.

Além disto, devemos abandonar qualquer ingenuidade e ter coragem de reconhecer o duplo papel que a atividade comercial de orquídeas ainda exerce em

de Fortaleza sofrem menos pressão sobre o seu ecossistema do que as de regiões mais afastadas. As serras das áreas mais próximas de Fortaleza são parcamente habitadas em altitudes acima de 200 m. As populações concentram-se em seu sopé, ao nível do mar, por causa disso mesmo o seu ecossistema encontra-se mais preservado acima daquela altitude, pois sofre menos agressão do elemento humano. Rara é a opção de algum morador mais jovem de permanecer morando em altitudes elevadas após atingir a idade de capacidade laboral, pois busca emprego e renda em Fortaleza ou



Fig. 9 - *C. labiata* vegetando no interior da mata. (Foto: R. Figueiredo)

muitos pontos do nosso país. Se por um lado a atividade comercial estimula a produção e torna o cultivo das orquídeas mais popular, podendo contribuir para a preservação *in situ* das espécies, por outro lado, quando focada apenas no aspecto mercantil, pode transformar-se em grande vilã, financiando incursões predatórias de coletas. Passada a primeira onda de coleta para o exterior, ela continuou internamente, com o fluxo dirigido a outros estados da Federação. Na última década, houve uma aceleração deste tráfico interno, tornando mais periclitante sua conservação na natureza.

Discussões e Considerações Finais:

Os agentes públicos que possuem atribuições legais de proteção ambiental, mesmo utilizando-se de forma eficiente de todos os meios e recursos disponíveis, sabem que a eficácia dessa proteção será sempre aquém da esperada ou necessária. O amplo leque de atribuições do IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis, faz-o concentrar suas ações em assuntos que se identificam a dois grupos específicos:

i) os que estão atrelados ao âmbito de sua função por alguma vinculação legal direta, ii) ou aqueles sobre os quais haja efetiva cobrança da sociedade. A proteção da *Cattleya labiata* necessitará, então, não só da ação efetiva do Estado, como, por exemplo, a criação de APAs – Áreas de Proteção ambiental, como de forma concomitante a instituição de uma Fundação na esfera privada destinada especificamente à proteção dessa espécie botânica.



Fig. 10 - *C. labiata* florida na encosta de um rochedo. (Foto: R. Figueiredo)

Com certeza a espécie continuará em coleções e ficará sempre condicionada à valoração estética, tanto morfológica quanto cromática, das plantas a serem produzidas da forma solicitada pelo mercado. Há, portanto, um conceito embutido noutro: as qualidades da planta em si deverão preencher requisitos de mercado. No entanto, não existe ainda um projeto de conservação *ex situ* para a espécie, o que, necessariamente, terá que considerar a variabilidade genética que ainda existe na natureza.

Concluirei conclamando, primeiramente aos moradores e instituições de meu próprio estado, o Ceará, a que abracem essa causa. Considero aceitável iniciativa como da UNIFOR - Universidade de Fortaleza, de introduzir em seus belos jardins, vários exemplares da *Cattleya labiata*, ação que poderá despertar o interesse em ampliar o conhecimento científico e de pesquisa sobre a espécie. Lamento, contudo, que o amadorismo em seu manejo tenha ensejado a morte de muitas plantas. Do mesmo modo, também avistei *Cattleya labiata* vegetando em palmeiras no Colégio Militar de Fortaleza. Tal prática, contudo,



Fig. 11 - Algumas plantas vegetando sobre pedras. (Foto: R. Figueiredo)



Fig. 12 - Bananais em área antes coberta por mata. (Foto: R. Figueiredo)

só deverá acontecer a partir de plantas reproduzidas em laboratório. Em não havendo ressonância entre os meus conterrâneos e em instituições capazes de contribuir para a preservação dos jardins naturais da espécie, que de outros estados da Federação surjam pessoas e entidades que, reconhecendo a importância que a *Cattleya labiata* sempre gozou no meio orquidófilo mundial, prestem-lhe o urgente socorro.

Agradecimentos:

À minha esposa, Rosa Jane; à Profa. Laudícia Holanda; à Dra. Ana Cristina Portugal Pinto de Carvalho; ao Prof. João Luiz Pinheiro Bastos e a Antero Ferreira Bezerra, o Tutuca.

Referências bibliográficas:

- Alvarez-Pardo, V. M. & A.G. Ferreira. 2006. Armazenamento de sementes de orquídeas. *Revista Brasileira de Tecnologia de Sementes*, 28(2): 92-98.
- Lo Ré, B.A. 2006. *Cattleya labiata* Lindley, a rainha do Nordeste Brasileiro. *Orquidário*, 20(1-2).
- Menezes, L. C. 1987. *Cattleya labiata* Lindley. Rio de Janeiro, ed. Expressão e Cultura.
- Paiva, R. 2000. *Fisiologia de Plantas Ornamentais*. Lavras, ed. UFLA-FAEP.
- Rodrigues, V. E. G. 2000. *Morfologia Vegetal*. Lavras, ed. UFLA-FAEP.

Jóias de Diamantina.

M. do Rosário de Almeida Braga
mrosario.abraga@gmail.com

Resumo: Uma visita de três dias à região de Diamantina, MG, no final da primavera, foi muito proveitosa em termos de orquídeas floridas encontradas. Diversas “*Laelia rupícolas*” ocorrem na área e, na maioria das espécies observadas, a distribuição é bem delimitada. A pressão do garimpo, do fogo, do pastoreio e de coleta seletiva tem tido efeito negativo evidente sobre algumas das espécies de orquídeas.

Palavras-chave: Diamantina, Minas Gerais, orquídeas rupícolas.

Abstract: *Jewels of Diamantina.* A three days visit to Diamantina, Minas Gerais State, at the end of Spring, was very productive in terms of the number of orchids in bloom found. Many species of “rupicolous *Laelia*” (as they are called in general) occur in the region but most of them with a very restrict distribution. Pressure from mining, fire, grazing and selective collecting has had a strong negative effect on some populations of orchids.

Key words: Diamantina, Minas Gerais State, rupicolous orchids.



Fig. 1 - *Hoffmannseggella ghillanyi* com a coloração típica da flor.

fiquei apaixonada por aquela paisagem de rochas expostas e uma vegetação baixa crescendo entre e sobre as pedras, geralmente com várias plantas interessantes em flor. Em muitos dos locais que o Kleber nos levou, foi exatamente isto que vimos: várias espécies de *Orchidaceae*, *Bromeliaceae*, *Velloziaceae* (“canelas-de-ema”), *Eriocaulaceae* (“semprevivas”), *Araceae* e *Cactaceae*, entre várias outras plantas.

Ao atravessarmos a Serra do Cipó, no munic. de Santana da Cachoeira, encontramos algumas plantas da pequenina *Hoffmannseggella ghillanyi* (Pabst) H.G. Jones e as poucas plantas floridas apresentavam tons bem distintos de lilás (Fig. 1-2). As plantas crescem na

No início de novembro de 2011 tive a oportunidade de visitar a cidade de Diamantina e arredores, no estado de Minas Gerais, com o amigo Kleber Lacerda e meu marido, Tim Moulton. Enquanto eu me encantava com as várias orquídeas floridas que o Kleber me apontava, o Tim registrava tudo com sua câmera. A combinação foi perfeita.

Desde que, há já alguns anos, visitei pela primeira vez as serras mineiras,



Fig. 2 -Uma flor mais clara de outra planta de *H. ghillanyi*.

Bifrenaria tyrianthina (Lodd. ex Loudon) Rchb.f. em flor (fig.4), crescendo à meia sombra, entre as pedras, em pontos com grande acúmulo de matéria orgânica, e *Prosthechea* sp, *Bulbophyllum* sp e *Epidendrum* aff. *coronatum*, este último em flor (fig. 5). Foi uma pena não identificarmos a espécie de *Bulbophyllum* (fig.6) que não estava florida, mas com hastes florais já velhas, com 30-40cm. Esta espécie de *Bulbophyllum* talvez tenha sido a planta mais frequente em todos os locais que visitamos.

Nossa próxima parada foi na pequena cidade de Presidente Kubitschek, especificamente para procurarmos uma das poucas populações conhecidas de *Hoffmannseggella kleberi* F.E.L. Miranda (fig. 7). A espécie ocorre em uma área sob intensa pressão do garimpo (fig.8), fogo, pastoreio e, ultimamente, coleta seletiva de variedades. Muitas plantas estavam floridas, mas só observamos flores amarelas, com algumas em tom mais claro e uma com manchas. Poucas plantas apresentavam cápsulas e fizemos algumas fecundações no local. Esta espécie cresce nas mesmas condições descritas acima para *H. briegei*.

encosta, em frestas entre as pedras. Entre pedras e gramíneas, observamos também duas espécies de *Cyrtopodium* não floridas: *Cyrtopodium parviflorum* Lindl. e *Cyrtopodium* sp.

Mais próximo a Diamantina, no município de Capivari, com o famoso Pico do Itambé ao fundo, chegamos a um local onde as flores amarelas de *Hoffmannseggella briegei* (Blumensch. ex Pabst) V.P. Castro & Chiron (fig. 3), em pleno sol, espalhavam-se por entre as pedras e em pequenos platôs de areia grossa, onde a água fica empoçada depois da chuva. As raízes de *H. briegei* ora se estendem sobre a areia, ora estão ligeiramente enterradas. Vimos plantas floridas de vários tamanhos e com as flores de diferentes tons de amarelo. Neste mesmo local vimos também



Fig. 3 -*Hoffmannseggella briegei* crescendo em pleno sol.



Fig. 4 -*Bifrenaria tyrianthina* crescendo como rupícola.

Visitamos também o distrito de Sopa, no munic. de Diamantina. Em colinas próximas à pequena vila, Kleber nos levou para conhecer algumas outras preciosidades. Já em jardins, um lindo exemplar de *Epidendrum aff. nocturnum* (fig. 9). Ao longo do caminho de subida, uma mata baixa deixa o local mais úmido e sombreado. Nesta mata encontramos *Sophranitella violacea*, Schlechter. como epífita. As orquídeas rupícolas, sob baixa luminosidade e quase sempre em meio a muita matéria orgânica, foram muitas: *Bulbophyllum* spp, *Pleurothallis* sp, duas espécies terrestres de *Epidendrum*, *Anacheilium pachysepalum* Campacci (fig.10), *Heterotaxis brasiliensis* (Brieger & Illg) F. Barros e, a grande estrela do passeio, *Bifrenaria verboonenii* G.A. Romero & V.P.



Fig. 5 -Lindo exemplar de *Epidendrum aff. coronatum*.



Fig. 6 -*Bulbophyllum* sp, com hastes longas.



Fig. 7 -*Hoffmannseggella kleberi* tem uma população bastante reduzida.



Fig. 8 -A ação de garimpeiros remove o substrato na área de ocorrência de *H. kleberi*.



Fig. 9 -*Epidendrum* aff. *nocturnum*, florido em jardins da região.

Castro florida (fig. 11). Seguindo a trilha, alcançamos o topo do morro, com vegetação baixa e salpicada com as flores lilás de *Hoffmannseggella tereticaulis* (Hoehne) H.G. Jones (fig.12) A grande maioria dos indivíduos desta espécie cresce com a base protegida por velózias, capins e cactos. O comprimento da haste floral de *H. tereticaulis* varia mas uma característica da espécie é que as flores sempre abrem de baixo para cima. Vimos várias plantas dentro de poças temporárias e várias delas com cápsulas (fig.13). *Acianthera teres* (Lindl.) Borba também é frequentes na área do platô, crescendo principalmente em frestas das rochas.

Bifrenaria verboonenii, por sua raridade, merece um destaque. A espécie foi descrita em 2000, mas não se conhecia a localização exata onde a planta ocorria. Recentemente Kleber Lacerda, em excursão pela região, encontrou uma

população bem pequena da espécie, sempre em local sombreado, bem inclinado, úmido e com muita matéria orgânica acumulada em volta das raízes (fig. 14). Os pseudobulbos tem mais de 12 cm de altura e sua haste floral é longa, de mais de 30 cm de comprimento, fazendo com que as lindas flores destaquem-se acima da folhagem. Kleber fez a polinização de algumas flores, o que nós repetimos desta vez, torcendo para que a população aumente e com a possibilidade de disponibilidade, no futuro, de seedlings produzidos em laboratório.

Ainda no munic. de Diamantina, vimos em dois locais distintos a pequena *Constantia cristinae* F.E.L.Miranda, também com distribuição bem limitada. As plantas que encontramos crescem diretamente sobre a pedra, em meia sombra



Fig. 10 - *Anacheilium pachysepalum* em local bem sombreado e com muita matéria orgânica.



Fig. 11 - Em *Bifrenaria verboonenii* as flores destacam-se da folhagem.

- mas a espécie pode ocorrer também como epífita. Tivemos muita sorte que uma das plantas estava florida, com a única flor ereta em uma haste de 1 cm, portanto acima da planta, que é totalmente aderida ao substrato, camuflada entre líquens (fig. 15).

Outras "*Laelia* rupícolas" de Diamantina são *Hoffmannseggella rupestris* (Lindl.) V.P.Castro & Chiron, *Hoffmannseggella bradei* (Pabst) V.P.Castro & Chiron e *Hoffmannseggella angereri* (Pabst) V.P.Castro & Chiron. *H. rupestris* tem plantas de diferentes tamanhos crescendo entre capins, velózias e pedras e não observamos plantas com flores mas vimos hastes florais antigas com várias cápsulas. *H. bradei* ocorre entre a espécie anterior e, quando não estão em flor, podem ser distinguidas apenas por conhecedores, pois as plantas, em geral, são menores – mas nem sempre as plantas obedecem esta regra. O local onde estas duas espécies podem ser encontradas atualmente é bastante limitado e é uma área protegida. Já a história de *H. angereri* é



Fig. 12 -*Hoffmannseggella tereticaulis* apresenta pequena variação na cor das flores.



Fig. 13 -*H. tereticaulis* com várias cápsulas.



Fig. 14 -Planta adulta de *Bifrenaria verboonenii*, crescendo como rupícola.



Fig. 15 -A flor de *Constantia cristinae* destaca-se da planta de hábito prostrado.

mais triste. Por ter um colorido tão bonito, foi muito cobiçada por coletores de orquídeas e hoje não é mais vista crescendo entre as rochas da região. Durante nossa viagem tivemos a oportunidade de conhecer um casal que está protegendo a sua propriedade no município de Diamantina e lá vimos uma planta de *H. angereri*, escondida entre gramíneas e testemunha da presença da espécie na região (fig.16). Esperamos reintroduzir a espécie nesta propriedade em futuro próximo.

Depois de três dias de muitas andanças, estava na hora de voltar para casa. Posso fechar os olhos e relembrar as lindas paisagens onde vimos tantas plantas interessantes. Mas,



Fig. 16 -*Hoffmannseggella angereri*, hoje quase extinta na região de Diamantina.

infelizmente, vem à memória as várias histórias, contadas por Kleber, de populações desta ou daquela espécie, que foram depredadas até desaparecerem. Hoje, as populações remanescentes de orquídeas da região de Diamantina, algumas delas só encontradas ali, devem ser preservadas e reproduzidas a partir de sementes. São, com certeza, as outras joias preciosas daquela rica região mineira (fig.17).



Fig. 17 -Vista da cidade de Diamantina, MG, Patrimônio Cultural da Humanidade (UNESCO).



Beg
flores

nutrição vegetal

www.begflores.com.br
contato@begflores.com.br
(31) 3892-4967

Tenha excelentes resultados com a linha **Orchidéas B&G**

Conhecimento e inovação para produzir os melhores adubos para as suas flores!

Os Julgamentos da OrquidaRio

Fernando Setembrino

fernando.setembrino@terra.com.br

Carlos A.A. Gouveia

caagouveia@globocom

Resumo: A comissão de julgamento da OrquidaRio tem aplicado dois sistemas de julgamento nas nossas exposições e em exposições para as quais nossos juízes são convidados. O “Julgamento de Exposição” difere do “Julgamento de Qualidade” porque, no primeiro caso, as plantas estão sendo julgadas em comparação com as outras naquela exposição e, no segundo caso, uma determinada flor é comparada com outras já conhecidas e pontuadas. São destacados os prêmios já dados pelo “Julgamento de Qualidade”.

Palavras-chave: julgamento, julgamento de qualidade, premiações, OrquidaRio.

Abstract: *Orchid Judging by OrquidaRio.* The commission of OrquidaRio’s judges has been applying two judging systems in our shows and the ones that our judges are invited to. The “Show Judgment” differs from the “Quality Judgment” because, in the first case, the plants are being judged in comparison to the others in that show. In the “Quality Judgment” one specific flower is compared to others of the same species or hybrid that are already known and given points to. Here the plants that won awards in the “Quality Judgment” are illustrated.

Key words: orchid judging, quality judgment, awards, OrquidaRio.

“As muito feias que me perdoem, mas beleza é fundamental.”

(Vinicius de Moraes - *Receita de Mulher*)

O ser humano, desde os primórdios, tem uma fascinação pelo direito natural de poder expressar a manifestação do seu pensar e do seu gosto, diante do que é feio e do que é belo. O filósofo alemão Kant (1724-1804) bem acentuou que a manifestação humana ligada ao gostar é o próprio exercício da faculdade natural de julgar o belo. Essa faculdade se transformou, com o passar dos tempos, em mania do ser humano, que passou a buscar a beleza perfeita com relação a pessoas, animais, flores, obras de arte, por exemplo. Estudos mostram que o cérebro humano possui pré-disposições que emitem sinais eletrofisiológicos mostrando maior amplitude quando as pessoas se deparam com coisas bonitas, acontecendo o oposto quando estão diante de coisas feias, estando os padrões geométricos de beleza incutidos no próprio cérebro.

No mundo da flora e da fauna a busca pela exaltação da beleza se dá cotidianamente, sendo da índole humana promover concursos para se enaltecer e premiar os espécimes mais bonitos. A tarefa de julgar o belo é, em regra, conferida a especialistas, estudiosos, que estudam, analisam e apreendem o conjunto de regras destinadas a avaliar os padrões e as tendências. Com relação às orquídeas, existem, atualmente, duas maneiras de fazer-se o julgamento de sua beleza: **Julgamento de Exposição**, quando as plantas expostas competem

entre si, dentro das suas classes e categorias; e o **Julgamento de Qualidade**, quando uma determinada flor é analisada em comparação com todas as já conhecidas e premiadas no passado, no mundo, sendo pontuadas, daí formando-se o que pode chamar de um “ranking” entre as do mesmo gênero.

Julgamento de Exposição:

A divisão em categorias baseia-se, primeiramente, em grupos naturalmente já existentes dentro da família *Orchidaceae*: gêneros e tribos de orquídeas que, por si só, já são muitos. Na realidade o número total de categorias que podem ser julgadas em uma exposição é enorme – mas na prática este número de categorias vai depender do local e da época da exposição. Dependendo de onde é a exposição, alguns grupos muito raramente estão representados. E também pode acontecer que uma categoria que pode ter destaque na primavera, não estará sendo julgada no outono. Em muitos casos as espécies e híbridos estão em categorias distintas. É também comum que os gêneros mais bem representados sejam agrupados em diferentes categorias devido à morfologia (exemplo: “*Cattleya* unifoliada” e “*Cattleya* bifoliada”), ou à cor (“*Cattleya* lilás”, “*Cattleya* alba”, “*Cattleya* amarela” e etc.), ou ao tamanho (“*Cattleya* de flores grandes”, “de flores médias” e “de flores pequenas”) e assim por diante.

Dentro das várias categorias os juízes levam em conta diversas características, a maioria delas relacionadas às flores: forma das diferentes partes da flor, harmonia do conjunto das partes da flor, armação das flores, número de flores por haste, substância das pétalas e sépalas, definição das cores, etc. A saúde da planta e seu cultivo são fatores subsidiários, muitas vezes importantes no caso de um empate.

A partir dessa premiação específica, onde se costuma designar os primeiros, segundos e terceiros lugares de cada categoria, passa-se a uma premiação de grupos, quando são concedidos troféus ou prêmios especiais, já competindo entre si plantas de categorias diversas. A escolha final normalmente premia as duas melhores plantas da exposição, ou seja, a campeã e a vice-campeã. Em alguns casos concede-se um prêmio específico para a planta que represente o melhor cultivo, sendo nesse caso premiado, na verdade, o cultivador.

Julgamento de Qualidade:

O Julgamento de Qualidade baseia-se numa planta ideal, comparando-se a planta analisada com este ideal e com o estado da arte das plantas já julgadas. Os juízes separam as plantas que aparentam ter padrão de qualidade adequado e avaliam os seus diversos atributos – forma da flor, cor, tamanho, substância/textura, hábito/arranjo das inflorescências, quantidade flores e haste floral. Nos quesitos forma e cor (tipicamente valendo 30% cada um) são analisados além do aspecto geral cada um dos segmentos florais (pétalas, sépalas e labelo). As outras características completam os 40% restantes da nota.

Cada juiz atribui sua nota, que é cotejada ao final, sendo que só são premiadas plantas em que há uma convergência dos laudos. As diferentes comendas devem ser consensuais. Assim sendo uma premiação de 80 pontos deve ser comparativa a um valor comum, independentemente das demais plantas expostas.

No Brasil esse tipo de julgamento é pouco praticado e a OrquidaRio resolveu começar a executá-lo, ainda de forma experimental, no intuito de definir padrões brasileiros para tal. Em um primeiro momento adotamos a nomenclatura da American Orchid Society (AOS) para as comendas:

- HCC – 75 a 79 pontos
- AM – 80 a 89 pontos
- FCC acima disto
- JC – Os juízes avaliam como uma planta de destaque e potencial, não atribuem pontos
- CCM – planta de cultivo acima da média, independente da qualidade individual das flores. São atribuídos pontos considerando saúde da planta, quantidade de hastes, flores por haste e equilíbrio das inflorescências (75 a 89 pontos)
- CCE – semelhante a CCM, mas com excepcional cultivo. (acima de 90 pontos)
- AQ – quando vários clones de um mesmo cruzamento (mesma cápsula) são premiados. Não se atribuem pontos e o prêmio significa uma comenda para a “*ninhada*”.

Quando começamos a julgar observamos como tal análise é difícil, muitas vezes uma planta que achamos inicialmente muito boa não consegue resistir a um detalhamento de seus atributos. Assim sendo ficamos firmemente convencidos que olhar para uma orquídea e dizer que ela vale 80 ou 90 pontos é ilusório, só com uma planilha



Fig. 1 - *Cattleya intermedia* var. *aquinii* 'Anaflora', HCC/ORIO (78 pontos). Expositor: Anaflora Orquidacea. (Foto: J.C.Chaves)



Fig. 2 - *Cattleya walkeriana* var. pérola 'Pegasus', AM/ORIO (81 pontos). Expositor: Cláudio C. Cunha, da SOB, SP. (Foto: J.C.Chaves)

A seguir mostramos algumas plantas que passaram pelo crivo dos nossos juízes, com as notas a elas conferidas, descrições e outras observações.

Cattleya intermedia var. *aquinii* 'Anaflora'. Premio: HCC/ORIO, com 78 pontos. Filiação: *C. intermedia* var. *orlata* x *C. intermedia* var. *aquinii*. Proprietário: Anaflora Orquidaceade Maricá, RJ. Descrição: 5 flores em 2 hastes, com boa forma, textura e armação; coloração alba, aquinada, de cor rosa nas pétalas e labelo púrpuro. Medidas: (1) envergadura natural: 10,0cm (horiz.) e 9,5cm (vert.); (2) sépala dorsal: 2,0 -4,5cm; (3) pétala: 3,7 – 5,0cm; (4) sépala lateral: 2,0-4,5cm; (5) labelo: 1,8-1,8cm. Exposta em Niterói, na exposição organizada pela ASSON em 09/2010.

Cattleya walkeriana var. pérola 'Pegasus'. Premio: AM/ORIO, com 81 pontos. Filiação desconhecida. Proprietário: Cláudio C. Cunha, da SOB, SP. Descrição: 2 flores na mesma haste, de excelente forma e cor, com boa textura, muito bem armadas com relação a pétalas e sépalas, com labelo bem plano, de ótima cor que vai de alba a creme, com suave terminação rosada do meio para as bordas das pétalas, contendo o mesmo rosado, de forma mais suave, nas sépalas. Coluna do labelo alba terminando em rosa. Labelo de cor rosa mais forte, chegando ao fúcsia, com veias bem marcadas. Textura seda cristalina. Medidas: (1) envergadura natural: 11,1cm (horiz.) e 10,9cm (vert.); (2) sépala dorsal: 2,2 -5,4cm; (3) pétala: 5,1 – 4,4cm; (4) sépala lateral direita: 5,3-2,2cm; (5) sépala lateral esquerda: 5,5-2,4cm; (6) labelo: 4,6-5,0cm. Exposta em Niterói, na exposição organizada pela ASSON em 05/2011.

Laeliocattleya Tiago Suzuki 'Marli Rossi'. Premio: HCC/ORIO, com 76 pontos. Filiação: *Lc. Yoshico Suzuki* x *Lc. Jose Dias de Castro*. Proprietário: Itaipava Garden. Descrição: 3



Fig. 3 - *Laeliocattleya* Tiago Suzuki 'Marli Rossi', HCC/ORIO (76 pontos). Expositor: Itaipava Garden. (Foto: J.C.Chaves)



Fig. 4 - *Cattleya* Floralia's Story 'Sandra Odebrecht', AM/ORIO (82 pontos). Expositor: José Francisco Vieira, Orquidário Quinta do Lago, Petrópolis, RJ. (Foto: M.A.Loures)

flores em uma haste bem armada. Pétalas e sépalas de cor púrpura. Labelo rendado, fechando sobre a coluna, de cor púrpura aveludada, com interior amarelo bem escuro, fazendo um bonito contraste. Medidas: (1) envergadura natural: 17,0cm (horiz.) e 15,5cm (vert.); (2) sépala dorsal: 3,5 -8,2cm; (3) pétala: 8,0 – 9,0cm; (4) sépalas inferiores: 3,5-7,0cm; (5) labelo: 6,5-7,2cm. Exposta em Niterói, em 04/2007.

Cattleya Floralia's Story 'Sandra Odebrecht'. Premio: AM/ORIO, com 82 pontos. Filiação: *Cattleya* Enid x *C. granulosa*. Proprietário: José Francisco Vieira, Petrópolis, RJ. Descrição: 5 flores em uma haste de 13cm, não muito espaçadas, se sobrepondo parcialmente na parte superior; cor creme, flameado suave de malva, tipo aquarela com sombras nas sépalas; labelo labiatado de boa forma, cor magenta com veios amarelo/marrom, fundo dourado e marginado de branco; textura firme, substância leitosa. Medidas: (1) envergadura natural: 12,5cm (horiz.) e 13,5cm (vert.); (2) sépala dorsal: 2,0 -6,5cm; (3) pétala: 6,5 – 7,5cm; (4) sépala lateral: 2,0-6,5cm; (5) labelo: 5,0-6,0cm. Exposta no Rio de Janeiro, em exposição organizada pela OrquidaRio em 09/2010.

Gratrixara Fernanda Haje. Premio: JC/ORIO (recomendação para o futuro, planta promissora). Filiação: *Gsl. (Slc.)* Sweet Coral x *Ctna.* Westmoreland. Proprietário: J.Abreu da Silva, Itaorchids, Itaboraí, RJ. Exposta no Rio de Janeiro, em exposição organizada pela OrquidaRio em 09/2010.



Fig. 5 - *Gratrixara* Fernanda Haje, JC/ORIO. Expositor : J.Abreu da Silva, Itaorchids, Itaboraí, RJ. (Foto: M.A.Loures)

Novo sinônimo para o gênero *Acianthera* e novas combinações em *Pabstiella* (Pleurothallidinae: Orchidaceae).

Fábio de Barros¹ & Climbiê Ferreira Hall²
fdebarros@terra.com.br

Resumo: No presente artigo são propostas algumas novidades taxonômicas para a subtribo Pleurothallidinae. São apresentados um novo sinônimo para o gênero *Acianthera* e sete novas combinações em *Pabstiella*.

Palavras-chave: nomenclatura, *Pabstiella*, Pleurothallidinae, *Pleurothallis sensu lato*, taxonomia.

Abstract: New synonym for the genus *Acianthera* and new combinations in *Pabstiella* (Pleurothallidinae: Orchidaceae). In this paper we propose some taxonomical novelties for the subtribe Pleurothallidinae. We present a new synonym for the genus *Acianthera* and seven new combinations in *Pabstiella*.

Key words: nomenclature, *Pabstiella*, Pleurothallidinae, *Pleurothallis sensu lato*, taxonomy.

Introdução

Novidades taxonômicas aparecem constantemente na Botânica, em todos os grupos vegetais e estas podem ter várias origens. Muitas vezes são novas espécies derivadas de inventários florísticos, outras vezes são novas interpretações nascidas de estudos taxonômicos mais detalhados, sejam fusões de gêneros ou transferências de espécies, sejam sinonimizações ou restabelecimentos de espécies ou gêneros. No caso específico de nosso interesse, a família Orchidaceae, há um grande número de artigos publicados recentemente que demonstram essa situação.

De pouco mais de 10 anos para cá, a maioria das modificações propostas em Orchidaceae, é resultado da re-circunscrição de gêneros decorrente de estudos filogenéticos baseados na técnica de seqüenciamento de partes do DNA.

Em relação à subtribo Pleurothallidinae, deve-se destacar os trabalhos de Pridgeon & Chase (2001, 2002), que trouxeram uma completa re-estruturação dos gêneros dessa subtribo, em especial do que antes era interpretado como gênero *Pleurothallis*. Esses trabalhos foram de extrema importância na compreensão das relações filogenéticas (relações de parentesco) dentro da subtribo, mas deixou algumas questões não resolvidas, como foi o caso do grupo de espécies que Pabst & Dungs (1975) trataram como seção *Fractiflexae*. Parte das espécies desse grupo foi enquadrada no gênero *Specklinia*, e parte no gênero *Stelis*, no entanto tal posicionamento nunca chegou a convencer totalmente os estudiosos da família, e um artigo recente de Chiron *et al.* (2012) trouxe nova luz para o caso, mostrando que tais espécies ficam muito melhor posicionadas se tratadas dentro de um conceito expandido do gênero *Pabstiella*. Deve-se ressaltar que alguns autores anteriores já vinham aceitando esse conceito amplo de *Pabstiella*, embora nem sempre com a mesma circunscrição, mesmo antes da publicação de uma hipótese filogenética (e.g. Luer 2006, 2007, 2008, Chiron & Ximenes-Bolsanello 2010, Kollmann 2010).

Neste artigo são propostas algumas novidades taxonômicas para a subtribo Pleurothallidinae decorrentes de projetos que estão sendo desenvolvidos no Núcleo de Pesquisa Orquidário do Estado, do Instituto de Botânica, São Paulo. Sendo sete transferências para o gênero *Pabstiella*, de espécies anteriormente posicionadas em *Pleurothallis* e uma sinonimização em *Acianthera*.



Fig. 1 – Detalhe da flor de *Pabstiella seriata*. (foto: R.P. Romanini)

Resultados e Discussão

Acianthera magalhanesii (Pabst) F. Barros, Hoehnea 30(3): 186. 2003 a" *Pleurothallis magalhanesii* Pabst, Bradea 1(50): 489, fig. C. 1975 a" *Acianthera magalhanesii* (Pabst) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 95: 254. 2004 nom. superfl. TYPUS: BRASIL. BAHIA: a 30 km de Caravelas, fl. cult. 10-VI-1965, G. Mendes-Magalhães s.n. (HB40676!, holótipo).

= *Acianthera bohnkiana* Campacci & Baptista, Bol. CAOB 54: 60. 2004. TYPUS: BRASIL. BAHIA, Uma, 12-I-2002, E. Bohnke EB 646 (SP!, holótipo), **syn nov.**

Material examinado: BRASIL. Bahia: Mata do Pancrasso, 31-X-1967, A. Oliveira s.n. (HB61356, parátipo de *A. magalhanesii*); idem, 31-X-1967, C. Flechtmann s.n. (HB61355, parátipo de *A. magalhanesii*).

A observação dos tipos e ilustrações originais de ambas as espécies mostram que se trata de uma mesma entidade. Ressalte-se que ambos os materiais tipo provêm de florestas do Sul da Bahia.

Pabstiella colorata (Pabst) F. Barros & C.F. Hall, comb. nov. Basiônimo: *Pleurothallis colorata* Pabst, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 14: 8. 1956 a" *Specklinia colorata* (Pabst) F. Barros & V.T. Rodrigues, Bradea 14: 24. 2009. TYPUS: BRAZIL. PARANÁ: Guaratuba, Alto da Serra, 22-VI-1952, G. Hatschbach 2702 (HB!, holótipo; MBM).

Pabstiella imbeana (Brade) F. Barros & C.F. Hall, comb. nov. Basiônimo: *Pleurothallis imbeana* Brade, Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro 34: 116. 1932 a" *Specklinia imbeana* (Brade) F. Barros & V.T. Rodrigues, Bradea 14: 24. 2009. TYPUS: BRAZIL. RIO DE JANEIRO: Serra do Imbé, Pedra da República, IV-1932, A.C. Brade & J.S. Lima 11761 (R!, holótipo).

Pabstiella leucosepala (Loefgr.) F. Barros & C.F. Hall, comb. nov. Basiônimo: *Pleurothallis leucosepala* Loefgr., Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 2: 49. 1918 a" *Specklinia leucosepala* (Loefgr.) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 95: 261. 2004. TYPUS: BRASIL. SÃO PAULO: Guaratinguetá, P.C. Porto s.n. (RB).



Fig. 2 – A flor de *Pabstiella seriata* vista de lado. (foto: R.P. Romanini)



Fig. 3 – Detalhe da inflorescência fractiflexa de *P. seriata*. (foto: R.P. Romanini)

Pabstiella pandurifera (Lindl.) F. Barros & C.F. Hall, comb. nov.

Basiônimo: *Pleurothallis pandurifera* Lindl., Edwards's Bot. Reg. 28(Misc.): 70. 1842 a" *Humboltia pandurifera* (Lindl.) Kuntze, Revis. Gen. Pl. 2: 668. 1891 a" *Specklinia pandurifera* (Lindl.) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 95: 262. 2004. TYPUS: BRASIL. RIO DE JANEIRO: Organ Mountains, Mr. Miers (K).

Pabstiella seriata (Lindl.) F. Barros & C.F. Hall, comb. nov. (fig. 1-3)

Basiônimo: *Pleurothallis seriata* Lindl., Edwards's Bot. Reg. 26(Misc.): 75. 1840 a" *Humboltia seriata* (Lindl.) Kuntze, Revis. Gen. Pl. 2: 668. 1891 a" *Specklinia seriata* (Lindl.) Pridgeon & M.W.Chase, Lindleyana 16: 259. 2001 a" *Panmorphism seriata* (Lindl.) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 105: 174. 2006 a" *Anathallis seriata* (Lindl.) Luer & Toscano, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 115: 259. 2009 a" *Effusiella seriata* (Lindl.) Baptista, Colet. Orquídeas Brasil. 9: 339. 2011. TYPUS: BRASIL. RIO DE JANEIRO: J. Hearne (K).

= *Pleurothallis diffusiflora* C.Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 3: 80 (1935). TYPUS: BRITISH GUIANA. Essequibo River, Moraballi Creek, near Bartica, 7-X-1929, N.Y. Sandwith 474 (K).

= *Pleurothallis sphaeroglossa* Hoehne, Arq. Bot. Estado São Paulo, n.s., f.m., 1(1): 11. 1938. TYPUS: BRASIL. PARANÁ: Matinhos, 22-IV-1937, s.col. (SP37999!).

Material examinado: BRASIL. PARANÁ: Guaraqueçaba, Reserva Natural Salto Morato, 5-I-2000, *A.L.S. Gatti & G. Gatti 331* (SP). SÃO PAULO: Cananéia, Ilha do Cardoso, *F. Barros 492*, 9-X-1980 (SP); idem, ibidem, *D.A. De Grande et al. 368*, 12-XII-1979 (SP); idem, ibidem, cultivada no orquidário do Instituto de Botânica sob nº IC-48, 12-V-2006, *R.P. Romanini 284* (SP).

Pabstiella viridula (Barb.Rodr.) F.Barros & C.F. Hall, comb. nov.

Basiônimo: *Lepanthes viridula* Barb.Rodr., Gen. Spec. Orchid. 2: 51. 1881 a" *Pleurothallis filiformis* Cogn. in C.F.P.von Martius & auct. suc. (eds.), Fl. Bras. 3(4): 453. 1896 [non *Pleurothallis viridula* Lindl., Fol. Orchid. 9: 19. 1859] a" *Stelis viridula* (Barb.Rodr.) Pridgeon & M.W.Chase, Lindleyana 16: 267. 2001, nom. illeg. a" *Stelis graciliscapa* Pridgeon & M.W.Chase, Lindleyana 17: 99. 2002 [non *Stelis viridula* Luer, Phytologia 49: 240. 1981] a" *Specklinia filiformis* (Cogn.) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 95: 260 (2004) a" *Pabstiella filiformis* (Cogn.) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 112: 119. 2007. TYPUS: BRASIL. Rio de Janeiro: les forêts de Palmeiras, IX, *J.B. Rodrigues s.n.* (holótipo RB, perdido); lectótipo, aqui designado, fig. H, tab. 182, vol. 3 da "Iconographie des Orchidées du Brésil" de Barbosa Rodrigues, originais guardados na biblioteca do Jardim Botânico do Rio de Janeiro; reprodução impressa em Sprunger (1996, p. 240).

Pabstiella wanderbildtiana (Pabst) F. Barros & C.F. Hall, comb. nov.

Basiônimo: *Pleurothallis wanderbildtiana* Pabst, Bradea 2: 54. 1975 a" *Specklinia wanderbildtiana* (Pabst) F.Barros & V.T.Rodrigues, Bradea 14: 24. 2009 a" *Effusiella wanderbildtiana* (Pabst) Campacci, Colet. Orquídeas Brasil. 9: 340. 2011. TYPUS: BRASIL. SÃO PAULO: Serra da Bocaina, fl. cult. 15-XI-1954, *W.D. Barros s.n.* (HB2565!, holótipo).

Com a ampliação do conceito do gênero *Pabstiella*, principalmente após o artigo de Chiron *et al.* (2012), algumas espécies brasileiras necessitam ser transferidas para esse gênero, além daquela já transferidas por Luer (2006, 2007, 2008), Chiron & Ximenes-Bolsanello (2010) e Kollmann (2010). As sete novas combinações acima são baseadas exatamente nisso. Todas elas possuem as características básicas de *Pabstiella*, como a inflorescência fractiflexa (ou seja, inflorescência que cresce por um longo tempo, em zigzag, portando apenas uma ou duas flores abertas por vez), as sépalas laterais coalescentes, o ginostêmio alongado e com a cavidade estigmática simples, duas polínias e o cauloma geralmente longo.

Literatura Citada

- Chiron, G.R. & Ximenes-Bolsanello, R. 2010. Notes sur un groupe brésilien de *Pabstiella* (Pleurothallidinae, Orchidaceae). Richardiana 10(2): 45-81.
- Chiron, G.R., Guiard, J. & van den Berg, C. 2012. Phylogenetic relationships in Brazilian *Pleurothallis sensu lato* (Pleurothallidinae, Orchidaceae): evidence from nuclear ITS rDNA sequences. Phytotaxa 46: 34-58.

- Kollmann, L.J.C.** 2010. New combinations and description of two new species in *Pabstiella* Brieger & Senghas (Orchidaceae) from Brasil. *Candollea* 65(1): 95-100.
- Luer, C.A.** 2006. Icones Pleurothallidinarum XXVIII: A reconsideration of *Masdevallia*. Systematics of *Specklinia* and vegetatively similar taxa (Orchidaceae). Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden 105. Missouri Botanical Garden, St. Louis.
- Luer, C.A.** 2007. Icones Pleurothallidinarum XXIX: A third century of *Stelis* of Ecuador. Systematics of *Apoda-Prorepentia*. Systematics of miscellaneous small genera. Addenda new genera, species and combinations (Orchidaceae).. Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden 112. Missouri Botanical Garden, St. Louis.
- Luer, C.A.** 2008. New combinations in the Pleurothallidinae (Orchidaceae) from the Southern Cone Region of South America. *Novon* 18(1): 78-79.
- Pabst, G.F.J. & Dungs, F.** 1975. *Orchidaceae Brasilienses*. vol. 1. Kurt Schmiersow, Hildesheim.
- Pridgeon, A.M. & Chase, M.W.** 2001. A phylogenetic reclassification of the Pleurothallidinae (Orchidaceae). *Lindleyana* 16: 235-271.
- Pridgeon, A.M. & Chase, M.W.** 2002. Nomenclatural notes on Pleurothallidinae (Orchidaceae). *Lindleyana* 17: 98-101.
- Sprunger, S.** (ed.). 1996. João Barbosa Rodrigues - Iconographie des orchidées du Brésil. v. 1: The illustrations. Friedrich Reinhardt Verlag, Basle.



Distribuidora dos Fertilizantes



- SEMENTES
- FERTILIZANTES
- HERBICIDAS
- INSETICIDAS
- TUBOS • ARAMES

Linha orgânica,
Linha de irrigação,
Substratos etc...

ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
 Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
 21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br



COLIBRI

ORQUÍDEAS



Excelência no cultivo
Espécies brasileiras, estrangeiras e híbridos

acesse: www.colibriorquideas.com
e-mail: contato@colibriorquideas.com





AC Lab

Reprodução de orquídeas através de sementes

aclarindo@oi.com.br

Antonio Clarindo:
9909-0971



Bvorchids *Bela Vista*

*Especializado em espécies naturais reproduzidos em
laboratório buscando o melhoramento da qualidade.
Visite nosso catálogo virtual*

Mais de trezentos espécies disponíveis
Solicite um orçamento sem compromisso

Enviamos lista de preço
mediante solicitação

Rua Sebastião Leite do Canto - S/Nº (final da rua) - Assis - SP - Brasil
CEP: 19.800-121 - CX. Postal 203

Fone: 18-3324 8361 - Fax: 18-3325-1635

e-mail: belavista@bvorchids.com.br



Florália

Tradição com qualidade

Estrada da Florália, 592
24.140-216 - Niterói - RJ

Tel.: (21) 2627-7733

Fax: (21) 2627-7802

florbra@attglobal.net

www.floralia.com.br

Ble. Goldenzelle 'Saddle Peak'



CESAR CHEREM
ORQUIDÁRIO

oferta!
especial

12 seedlings de alto padrão genético de R\$ 240,00 por apenas R\$ 150,00 incluindo despesa de frete. Tamanho 2'.

- 2 - C.harrisoniae trilabelo x C.harrisoniae rubrxxxxx
- 2 - C.loddigesii Repouso do Guerreiro x Self (Melhor espécie Laeliinae J.Botânico 2009)
- 2 - C.loddigesii Repouso do Guerreiro x C.loddigesii nº 7
- 2 - C.walkeriana (Raquel x Ivanhoé) x semi-alba Tokio
- 2 - C.lueddemanniana rubra CMC01 (Planta campeã JB 2007) x C. lueddemanniana rubra Fennel's
- 2 - C.leopoldii trilabeloxxxxx x C.leopoldi escura 'Dark Princess'

Promoção válida até 31/07/2012 - Sujeito ao estoque.

Tel.: (32) 3084-7028 - cherem@orquidariocesarcherem.com
www.orquidariocesarcherem.com - Juiz de Fora - MG

**Junte-se a nós e traga um
amigo**



visite www.orquidario.org
<http://boletimorquidario.blogspot.com.br>
Tel.: (21) 2233-2314

estamos também no facebook

ARANDA
ORQUÍDEAS

Excelência em cultivo de **Paphiopedilum**.

Híbridos e espécies de orquídeas à venda
para todo o Brasil.



21 2742-0628 / 3641-3015

aranda.com.br